

**A TRADUÇÃO DA SÉRIE *ON MY BLOCK*:
DAS LUTAS DE ADOLESCENTES ÀS PRODUÇÕES DE GÍRIAS**

Davi Rocha Contim¹
Karine Rios de Oliveira Leite²
Thiago André Rodrigues Leite³

RESUMO: O acesso às novas tecnologias (de comunicação) tem contribuído para possibilidades de contato com vários idiomas, e as plataformas de *streaming*, em geral, são um grande exemplo dessa contribuição, já que permitem seleções de áudios e de legendas em diversas línguas, ou seja, é possível escolher uma variedade de idiomas, sem precisar contar com tradutores externos, haja vista que as próprias plataformas, por meio de suas equipes tradutoras, assim permitem. Nesse sentido, disponível na plataforma de *streaming* Netflix, a série *On my block* pode ser assistida com o áudio em língua inglesa (original) e com a legenda em língua portuguesa ou língua inglesa, por exemplo. Constituída por quatro temporadas, essa série tem como protagonistas os seguintes adolescentes: Cesar, Jamal, Monse e Ruby. Em muitos de seus diálogos, ao longo da série, notamos a frequente presença de (possíveis) gírias, o que nos incita a pensarmos a relação entre essas produções linguísticas e certa formação da subjetividade de adolescentes. Assim, neste artigo, interessa-nos a produção de gírias pelos quatro protagonistas adolescentes da série em tela, a fim de problematizarmos a possível relação entre gírias, lutas e lugar de fala. Objetivamos investigar como o modo de vida desses adolescentes e suas lutas influenciam as produções de gírias, de modo a assumirem subjetivamente um lugar de fala. Para tanto, procuramos focar os momentos de possível emergência de gírias e as respectivas traduções mobilizadas pela equipe tradutora da série, bem como outras por nós aventadas.

PALAVRAS-CHAVE: *On my block*; Tradução; Gíria.

ABSTRACT: The access to the new (communication) technologies has contributed to possibilities of contact with several languages, and the streaming platforms, in general, are a great example of this contribution, since they allow selections of audios and subtitles in many languages, that is, it is possible to choose a variety of languages, without needing to

¹ Estudante do Curso Técnico em Edificações no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: davi.contim@academico.ifg.edu.br

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: karine.leite@ifg.edu.br

³ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: thiago.leite@ifg.edu.br

rely on external translators, given that the platforms themselves, through their translation teams, allow it. In this way, available on the Netflix streaming platform, the series *On my block* can be watched with the audio in English (original) and with the subtitles in Portuguese or English, for example. Consisting of four seasons, this series has the following teenagers as its main characters: Cesar, Jamal, Monse and Ruby. In many of their dialogues, throughout the series, we notice the frequent presence of (possible) slangs, which encourages us to think about the relationship between these linguistic productions and a certain formation of teenagers' subjectivity. Thus, in this article, we are interested in the production of slangs by the four teenagers of the series in question, in order to problematize the possible relationship between slangs, struggles and place of speech. We aim at investigating how the lifestyle of these teenagers and their struggles influence the production of slangs, so that they subjectively assume a place of speech. For this purpose, we intend to focus on the moments of possible emergence of slangs and the respective translations used by the series translation team, as well as others we suggested.

KEYWORDS: *On my block*; Translation; Slang.

1. INTRODUÇÃO

O acesso às novas tecnologias (de comunicação) tem contribuído para possibilidades de contato com vários idiomas, e as plataformas de *streaming*, em geral, são um grande exemplo dessa contribuição, já que permitem seleções de áudios e de legendas em diversas línguas, ou seja, é possível escolher uma variedade de idiomas, sem precisar contar com tradutores externos, haja vista que as próprias plataformas, por meio de suas equipes tradutoras, assim permitem, fazendo com que, por meio de combinações de idiomas, as plataformas funcionem, de certo modo, como um instrumento/mecanismo de tradução, estando entre elas a Netflix.

Referindo-se à Netflix, em matéria intitulada: “As 6 melhores plataformas de *streaming* no Brasil”, Brasil (2020) afirma que, “no começo de 2020, uma análise dos demonstrativos da companhia mostrou que conta com 182 milhões de assinantes em todo o mundo, com uma receita anual de US\$ 19 bilhões. Somente no Brasil, segundo a mesma análise, são 16 milhões de clientes”, o que indicia certa ampliação de acesso, por exemplo, à língua inglesa, tendo em vista a possibilidade de se assistir a várias séries nesse idioma, com diálogos (in)formais de diferentes personagens e em diversas circunstâncias.

Nesse movimento crescente de adesão, a plataforma disponibiliza séries que têm se tornado verdadeiros casos de êxito, como *On my block*, cujo título pode ser traduzido da seguinte forma: “No meu bairro”. Perez e Cañizares (2021) analisam essa série como um caso de êxito de série assistida no formato maratona e, segundo eles, trata-se de uma série *teen*, que, entre os títulos disponíveis nessa plataforma, foi a mais assistida nesse formato no ano de 2018. É constituída por quatro temporadas, sendo que a primeira, a segunda e a quarta têm dez episódios cada; a terceira, oito. Conforme os autores, esse formato de se assistir a séries tem sido gerado pela expansão das plataformas digitais que apresentam “vídeos sob demanda”, pela possibilidade de acesso simultâneo a todos os episódios de uma temporada, o reduzido número de episódios por temporada, a curta duração, a ausência de elementos que interrompam, o que deu origem ao chamado “efeito Netflix”, tendo as séries muitos conflitos e suspenses, bem como um número significativo de pontos de giro.

No site português *Cinema Planet*, é dito que a série de comédia e drama adolescente *On my block* estreou, com exclusividade, na plataforma Netflix, no dia 16 de março de 2018. Seu elenco é constituído por maioria de jovens negros e latinos, que enfrentam problemas em um bairro liderado por gangues. Conforme o site, “a série passa-se num bairro marginalizado de Los Angeles, onde a amizade de quatro adolescentes que frequentam o liceu [ensino médio] é testada ao longo da série”. Esses amigos são os quatro protagonistas adolescentes: Cesar, Jamal, Monse e Ruby. Em muitos diálogos desses protagonistas, notamos a frequente presença de (possíveis) gírias, o que nos permite pensar a relação entre essas produções linguísticas e certa formação da subjetividade de adolescentes. Nesse sentido, “(...) é mister afirmar que, ao se expressar, o falante assume uma identidade grupal; e que todo falante deve se expressar segundo as exigências do grupo a que pertence. É bem verdade, também, que um falante transita, sempre, em mais de um grupo” (Cabello, 2002, p. 169). Dito de outro modo, ao se expressar, o falante assume certas identidades, tendo relação com seus grupos sociais. No caso da produção de gírias por adolescentes na série *On my block*, parece-nos que elas podem ser associadas a possíveis lutas no enfrentamento de conflitos subjetivos e sociais e a uma assunção a um “lugar de fala”.

Nessa perspectiva, de acordo com Ribeiro (2017, p. 64), “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. Assim, neste artigo, interessa-nos a produção de gírias pelos quatro protagonistas adolescentes da série *On my block*, a fim de problematizarmos a possível relação entre gírias, lutas e lugar de fala. Logo, objetivamos investigar como o modo de vida desses adolescentes e suas lutas podem influenciar as produções de gírias, de modo a assumirem subjetivamente um lugar de fala. Para tanto, procuramos focar os momentos de possível emergência de gírias e as respectivas traduções mobilizadas pela equipe tradutora da série *On my block*, bem como outras por nós aventadas.

2. TRADUÇÃO DE LÍNGUAS: SUBJETIVIDADES E SINGULARIDADES

A atual conjuntura midiática é constituída por diversos recursos tecnológicos que facilitam a compreensão de idiomas estrangeiros. Há um certo tempo, as escolas de idiomas detinham grande monopólio/domínio no ensino de línguas estrangeiras, sobretudo da língua inglesa, que é tão difundida mundialmente. Com a possibilidade de acesso a vários idiomas mediante tradutores disponíveis gratuitamente na internet, essas escolas perderam, de certo modo, o poderio nesse ensino. No entanto, quando alguém deseja saber sobre possíveis significados (vinculados a dicionários) e possíveis sentidos (vinculados ao uso real da língua) de palavras e expressões da língua inglesa, por exemplo, isso não significa que, conforme se diz popularmente, basta “jogar no Google Tradutor”, o que simplificaria sobremaneira o trabalho tão árduo de tradução.

Desse modo, Rodrigues (2000, p. 91) afirma que “tradicionalmente concebe-se a tradução como a transmissão do mesmo sentido ou da mesma forma de um original em uma outra língua”. A autora procura combater a noção de “tradução” relacionada à equivalência/igualdade entre dois textos, defendendo que a diversidade/heterogeneidade de línguas indicia que a tradução “perfeita”, do ponto de vista da “transparência”, está para a ordem da impossibilidade, já que a multiplicidade de línguas instaura o reino da diferença, não havendo univocidade. Entretanto, ainda conforme a autora, a tradução está em uma

espécie de ponto intermediário, não sendo transparência nem equivalência. Isso porque “(...) cada signo se relaciona com os outros signos de modo diferente em cada língua e em cada texto de cada língua” (Rodrigues, 2000, p. 92). A tradução é uma espécie de “outro” texto, tendo em vista que os elementos linguísticos da língua de chegada são diferentes dos elementos linguísticos da língua de origem na relação com possibilidades de contextualizações diversas. Ademais, “(...) as escolhas do tradutor sempre apontam para a construção de valores - que nunca estão em perfeita simetria” (Rodrigues, 2000, p. 92). Assim,

(...) os valores expressos pela tradução não são neutros, sempre há algum tipo de interferência por parte do tradutor, já que suas escolhas não são isentas, revelam sempre uma avaliação de sua própria língua e cultura, da língua e da cultura estrangeira, assim como do texto e do autor que traduz (Rodrigues, 2000, p. 93).

Em outras palavras, há subjetividade na tradução, a qual não é transparente nem equivalente. Nas palavras de Derrida (2000, p. 19), “(...) a tradução é sempre uma tentativa de apropriação que visa transportar para casa, na sua língua, o mais decentemente possível, da maneira mais relevante possível, o sentido mais próprio do original (...)”, já que a tradução está sempre para a ordem da inexatidão, e, em última instância, as línguas são diferentes, são singulares, o que não significa que não haja traduções relevantes. “Uma tradução relevante é tida, com ou sem razão, como a melhor tradução possível” (Derrida, 2000, p. 23). Pensamos que uma tradução relevante faz uma certa correspondência adequada/pertinente ao objeto traduzido. Não é, pois, uma correspondência “direta”, uma vez que cada língua é singular e recorta a realidade a seu modo. Uma tradução relevante seria uma tradução que “deu certo”, aquela possível de ser feita conforme os limites da singularidade de cada língua.

Portanto, para este artigo, pensamos a tradução (relevante) de gírias em língua inglesa, produzidas pelos protagonistas adolescentes da série *On my block*, associando-as a possíveis versões entre a língua de origem (língua inglesa) e a língua portuguesa como língua de destino/chegada, analisando as traduções realizadas pela equipe tradutora e procurando tecer outras, tendo como base de cerceamento de sentidos as línguas em jogo e as próprias circunstâncias em que as gírias emergiram, ou seja, o próprio cenário de

gângues, violências e conflitos representado pela série.

3. A SÉRIE *ON MY BLOCK*: GANGUES, VIOLÊNCIAS E CONFLITOS

A série *On my block* apresenta como personagens um elenco jovem que “personifica uma amostra da comunidade latina nos Estados Unidos”, especificamente famílias que residem em um bairro marginal de Los Angeles (Pérez e Cañizares, 2021, p. 140). Nesse bairro, cujo nome é Freeridge, há gângues, violências e conflitos diversos. No primeiro episódio da primeira temporada, percebemos que há o desejo de o grupo de amigos (Cesar, Jamal, Monse e Ruby) ingressar no ensino médio. Logo no início, esse grupo está atrás de um muro observando uma festa, já pensando em como será esse novo ciclo escolar. Na sequência, são disparados tiros, e todos que estavam na festa saem correndo. Pelo barulho, os amigos questionam-se sobre qual é o calibre da arma de fogo, e, depois de mais disparos, concluem que é uma arma de fogo chamada “357”. A tentativa de adivinhar o calibre da arma evidencia que tiroteios são comuns em Freeridge e, consequentemente, que é um bairro violento.

Nesse sentido, destacamos que o personagem Cesar mudou muito durante seu período de férias, pois, por uma questão de tradição familiar, seria o momento em que teria de ingressar na gangue “Santos”. No fim do episódio citado acima, já são visíveis hematomas na barriga de Cesar, devido ao seu envolvimento com a gangue. No segundo episódio da primeira temporada, Ruby, falando ao telefone com Cesar, comenta como ele (Ruby) falará com Oscar (irmão de Cesar) para conseguir afastar Cesar da gangue. Logo após essa ligação, Ruby, com medo do que poderia acontecer consigo, liga para seu amigo Jamal e pergunta a ele se seria melhor cancelar o encontro, e Jamal o deixa ainda mais assustado. Ruby diz que ligou para ser ajudado e não assustado. Então, Jamal pergunta qual é a pior “coisa” que poderia acontecer, e Ruby responde que seria apenas uma conversa. Jamal acrescenta que é com um ex-criminoso, o qual, conforme Ruby, já foi preso duas vezes.

Desde o início da série, chama-nos a atenção a densidade do tecido argumental, com variadas tramas que se entrecruzam. Segundo Pérez e Cañizares (2021), o drama, em

geral, se desenvolve através dos conflitos de relações entre personagens, e algumas tramas de ação estão a serviço da comédia, havendo também algo de mistério e *thriller*. A série combina drama, comédia e mistério, podendo ser classificada, segundo os autores, como “comédia dramática” ou “dramédia”. Há muitos conflitos de amizade, amor, entre familiares, sendo esses os de relações, havendo também os de ação, especialmente envolvidos entre as gangues, mas também envolvendo questões socioeconômicas. Além disso, há conflitos internos, como os de Monse, que quer ter uma vida melhor, tornar-se escritora, mas não quer se afastar de familiares e amigos; e os de Cesar, que não deseja se tornar uma pessoa violenta, afastando-se de seus amigos, embora não acredite ter outro futuro senão na gangue. O amor e a amizade são as duas temáticas principais que mantêm toda a série, ou seja, temas “absolutamente adolescentes” (Pérez e Cañizares, 2021, p. 149).

Na perspectiva dos conflitos e temáticas principais acima mencionados, destacamos que, no sétimo episódio da primeira temporada, quando Monse e Cesar estão prestes a se beijar, um carro se aproxima. Nele está um garoto da gangue “Profetas”, gangue rival à do Cesar. Aquele adolescente, cujo nome é Latrelle, começa a importunar Monse, então Cesar argumenta dizendo que o fato de seu rival ter sido preso não o torna “o melhor”. Latrelle diz ter matado companheiros de Cesar, e, durante a discussão, aquele aponta uma arma de fogo direcionada a este, falando que irá matá-lo. Na sequência, Monse liga para Jamal, a fim de contar o que aconteceu e diz que, devido à ameaça que Latrelle fez a Cesar, este deveria sair da cidade. Ela acrescenta que precisarão de dinheiro para ajudarem o amigo com tal fuga, e, por isso, pergunta a Jamal se a história do dinheiro enterrado é verdade.

No nono episódio da primeira temporada, Cesar está no carro com seu irmão Oscar. Eles estão em frente a uma praça onde Latrelle está bebendo com os amigos. Ao observar que estão bebendo muito rapidamente, Oscar fala que ficarão bêbados logo e que seu irmão já poderá atacar. Isso porque, em sua visão, o irmão tem de matar seu oponente, pois este o ameaçou de morte. No banheiro da praça em que os irmãos estavam estacionados, Cesar encontra Latrelle e aponta uma arma para matá-lo, porém não consegue. Então, fala para ele desaparecer, já que não quer ter de matá-lo, sendo, assim,

obedecido por seu rival. Quando Cesar está prestes a ir embora, Latrelle diz que Cesar deveria atirar no chão para despistar o ocorrido.

Já no décimo episódio da primeira temporada, Oscar e Cesar estão na casa deles, e aquele pergunta a este se está se sentindo bem (era para Cesar ter matado Latrelle na noite anterior, o que ele não fez, mas disse que sim). Cesar, balançando a cabeça, responde que não, e Oscar fala que o irmão não pode sentir remorso e começa a conversar sobre os Profetas (a gangue rival que quer matá-los), dizendo que os Santos são o futuro, portanto o bairro é destes. Os irmãos em tela pertencem a uma comunidade latina, periférica, a qual devemos considerar uma amostragem de grupo minoritarizado social e economicamente no contexto em que se situa. Além de envolver aspectos socioeconômicos, a marginalização grupal pode envolver também questões raciais, o que relacionamos à ideia de que as gírias empregadas por certos grupos podem apresentar sentidos específicos, já que entendemos, conforme Ribeiro (2017, p. 36-37), que “seres humanos não deveriam ser pensados da mesma forma, pois isso seria destituir-lhes de humanidade”. Assim, compreendemos que a gíria não é propriedade de grupos minoritarizados, mas que, ao ser usada por certos grupos, acreditamos apresentar funcionamentos específicos, indiciando certas lutas, bem como a assunção do falante a um possível lugar de fala.

4. GÍRIA E LUGAR DE FALA: DEFINIÇÕES E RELAÇÕES

Segundo Cabello (2002), a gíria configura-se como uma espécie de linguagem especial, tendo, em seu nascimento, um caráter criptológico. Está vinculada a grupo social, mantendo a identidade e a coesão grupais, sendo produto de uma subcultura, pois, antes de alcançar, possivelmente, parcela maior da sociedade, emerge de modo restrito, isto é, relaciona-se a grupos sociais restritos, podendo associar-se posteriormente à sociedade em geral. Conforme Scholes (2004, p. 11), “em todo caso, não há regras claras e exatas para separar rigorosamente a gíria da linguagem coloquial”, o que nos permite pensar, junto a Cabello (2002), que a gíria tem um caráter efêmero, sendo recriada constantemente, já que, como os grupos mantêm relação entre si, pode ser usada por outros grupos sociais. Ademais, ainda de acordo com essa autora, pode ser usada para expressividade de

sentimentos, sigilo, desabafo e agressão social, por exemplo.

Com relação ao fato de as gírias alcançarem ampla parcela da população, destacamos um diálogo presente no primeiro episódio da primeira temporada em que Ruby diz, em conversa com os amigos protagonistas, que Cesar não é legal. Monse, então, quer saber o que aconteceu com Cesar, afirmando que este não fez algo de propósito para separar o grupo, visto que, na visão dela, é ele que os une. Porém, Jamal menciona que era assim antes de Cesar estar na gangue, e Ruby, decepcionado com este amigo, diz: “Cesar **ain’t shit.**” (“Cesar **não é ninguém.**”). Compreendemos que tanto “ain’t” quanto “shit” são termos usados por diversos grupos sociais, mas isso não significa que, a nosso ver, não sejam gírias, e sim que apenas podem apresentar sentidos específicos quando usados por certos grupos.

Segundo Igreja e Young (2014, p. 10), “ain’t” é a contração de “am not”, “is not”, “are not”, “has not” e “have not”. E “shit”, conforme Igreja e Young (2014, p. 202), pode significar: “bosta”, “merda”, “cocô”, podendo ser usado para expressar surpresa, raiva. Conforme Scholes (2004, p. 98), pode significar ainda “fezes” e “porcaria”. Interessante notarmos que o termo “shit” foi traduzido por “ninguém”, o que nos permite pensar que Cesar, na visão de Ruby, não vale nada, é alguém sem importância. Além disso, considerando os outros sentidos para o termo “shit” apontados pelos autores, pensamos também nas traduções: “não vale bosta/porra nenhuma”, “não é merda nenhuma/alguma”, em que o termo em questão ressoaria como um palavrão. Sob esse prisma, e aprofundando a nossa compreensão acerca da noção de gíria, destacamos que

a gíria surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos de falantes que tenham interesses comuns. Dessa forma, só é compreendida pelos iniciados no grupo e serve como instrumento de identidade e de defesa social do grupo que a utiliza. Essa concepção de gíria está acoplada às origens que propiciaram o surgimento estigmatizado deste tipo de linguagem especial. O palavrão, por sua vez, serve como instrumento de expressividade e de catarse (Cabello, 2002, p. 177).

Como fenômeno da linguagem, vinculada a grupos restritos e marginalizados em sua “origem”, compreendemos que a gíria une um determinado grupo social que precisa lidar com os conflitos de seu contexto, o que se reflete em luta para não se conformar a

padrões linguísticos e sociais, desafiando a hegemonia da linguagem padrão (norma-padrão) e de certo *status quo*, sendo, pois, um possível modo de resistência simbólica do grupo a essas conformações. Assim como pode ser uma palavra nova, do ponto de vista do significante, a gíria pode ser também uma palavra já existente, porém com um novo significado.

Assim sendo, a gíria apresenta constantes renovações lexicais, a fim de resguardar seu caráter criptológico; com isso, quando um termo extrapola o âmbito grupal, em virtude da alta frequência e/ou da expressividade, pode ser abandonado pelo grupo, uma vez que já não mais se presta como arma de defesa social do grupo, significando que se vulgarizou para a linguagem geral (Cabello, 2002, p. 177).

Ao ser abandonada por um determinado grupo social, compreendemos que uma dada gíria não deixou de ser gíria, mas, sim, perdeu certos efeitos em seu grupo “de origem”, produzindo outros efeitos em outros grupos. Acerca do ponto de vista dos efeitos produzidos, dos sentidos possíveis e específicos, uma gíria “qualquer”, palavra ou expressão, pode representar um “lugar de fala”, porque “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta” (Ribeira, 2017, p. 89). Neste momento, pensamos justamente nas gírias representando um lugar de fala nas lutas dos protagonistas adolescentes da série *On my block*, indiciando rompimento com a e na hegemonia de padrões linguísticos e sociais, permitindo, em nossas análises, a construção de certos sentidos paralelamente a (tantos) outros.

5. MODO PRÓPRIO DE ANÁLISE DE GÍRIAS

Em termos metodológicos, selecionamos possíveis gírias produzidas pelos quatro protagonistas adolescentes da série *On my block*, refletindo acerca do fato de ocorrerem, predominantemente, em circunstâncias informais, privadas e, em alguma medida, marginais, permitindo a atribuição de certos sentidos, além dos aventados pela própria equipe tradutora da série em tela. Temos, como material de análise, toda a série e a sua tradução, porém focando possíveis gírias produzidas pelos protagonistas adolescentes

durante a primeira temporada, entendendo que essa temporada se constitui material de análise suficiente para desenvolvermos nosso objetivo de investigarmos como o modo de vida desses adolescentes e suas lutas influenciam as produções de gírias, de modo a assumirem subjetivamente um lugar de fala. Vale destacarmos que assistimos à série toda, com o áudio em inglês e com a legenda ora em português, ora em inglês. Procuramos recortar uma certa sequência linguística em que uma possível gíria emergiu, sendo palavra (termo) ou expressão, além de elaborarmos outras possibilidades de tradução, associando a possíveis gírias da língua portuguesa brasileira.

Nessa perspectiva, no primeiro episódio da primeira temporada, um exemplo em que uma possível gíria emergiu diz respeito a uma conversa particular entre Cesar e Monse. Nessa conversa, Cesar pergunta a Monse sobre o que ela está pensando; ela responde que não está pensando em nada e pergunta: “Do I really need some stupid writing camp? I don’t want to waste my summer.” (“Preciso ir a essas férias de escrita? É um desperdício de verão.”). E Cesar diz: “It’s not a waste, it’s **badass**.” (“Que nada, é **irado**.”). Em seguida, dá a ela um caderno, para que escreva histórias e, quem sabe, cartas para ele. Pensando em sentidos possíveis e específicos, tendo como base a circunstância em que a possível gíria apareceu e possíveis gírias brasileiras, poderíamos traduzir “badass” de outras formas: “maneiro”, “da hora”, “chique”, “foda”, entre outras.

Utilizamos, para consultas, análises e estudos, dois livros que abordam as gírias em língua inglesa e seus principais modos de emprego: “Inglês de rua: as gírias e os termos coloquiais usados pelos americanos”, de Igreja e Young (2014), e “Slang: gírias atuais do inglês”, de Scholes (2004). Ambos os livros, que apresentam gírias de modo contextualizado, permitem-nos dizer se uma dada palavra (termo) ou uma dada expressão em inglês pode ser considerada “gíria”, apontando alguns significados. Além dos possíveis significados de gírias indicados pelos dois livros, bem como pela própria equipe tradutora da série *On my block*, apontamos, como já mencionado, sentidos possíveis e específicos. Por fim, refletimos sobre como as gírias produzidas pelos protagonistas adolescentes dessa série podem ser associadas a um lugar de fala, indiciando suas lutas no enfrentamento de conflitos subjetivos e sociais.

6. ANÁLISE DE GÍRIAS: SENTIDOS POSSÍVEIS E ESPECÍFICOS

No início do primeiro episódio da primeira temporada, Monse, a única menina do grupo de protagonistas adolescentes, ao observar o irmão de Ruby, Mario, beijar a namorada, Angelica, pergunta ao Ruby se seu irmão irá se casar com a namorada. E Ruby responde: “No idea. Mario tells me **jack**.” (“Não faço ideia. Mario não me conta **nada**.”). Compreendemos que o termo giriático “jack”, nessa resposta, parece produzir um tom de desabafo, uma vez que, de certa forma, é esperado que seu irmão seja próximo a Ruby e lhe conte (certos) segredos, o que, segundo este garoto, não acontece.

Igreja e Young (2014, p. 131) discorrem que a expressão giriática “jack shit”, em inglês, pode significar: “nada”, “porra nenhuma”. Semelhantemente, Scholes (2004, p. 56) afirma que essa expressão pode significar: “nada”, “coisa nenhuma”, “necas de pitibiriba”, “merda nenhuma”. Acrescenta que “o termo *jack shit* é usado normalmente com o verbo no negativo. Pode também ser abreviado para simplesmente *jack*”, conforme emergiu na resposta de Ruby. Entendemos que essa redução da expressão tende a significar “nada”, ou, em outra tradução possível, “nadica de nada”, já que, com a presença do termo giriático “shit”, “jack shit” pode ser traduzido por “bosta nenhuma”, indiciando certo tom de violência, inconformismo.

Na sequência do episódio, Monse volta das férias de escrita, e Ruby a pergunta sobre como foi o acampamento. Ela responde que foi bem e pergunta a Ruby e a Jamal se eles veem algo novo nela, procurando mostrar que estava sem aparelho nos dentes. Mas, ambos respondem ao mesmo tempo: “You got **boobs**.” (“Você tem **peito**.”). O termo giriático “boobs”, nessa resposta, parece indiciar um tom sigiloso/intimista, o qual se torna “permitido” em um grupo de (verdadeiros) amigos. Em seguida, Monse esconde os seios e começa a conversar sobre Cesar. Igreja e Young (2014, p. 29) discorrem que o termo giriático “boobs” pode significar: “seios”, “peitos”, “tetas”. Além de apontar esses significados, Scholes (2004, p. 23-24) afirma que é “palavra usada por todos os falantes da língua inglesa, *boobs* é também um dos termos mais utilizados pelas próprias mulheres para designar seus peitos. Diz-se ainda *boobies*”, corroborando nossa interpretação de tom intimista. Em outras traduções possíveis, pode significar também “mamã” e “maminha”.

Ainda no mesmo episódio da primeira temporada, em conversa com Monse, Jamal pergunta: “Are you **high**?” (“Está **doidona**?”). Isso porque Monse quer ir ao encontro de Cesar, mas Jamal diz que Cesar pode ter entrado para a gangue “Santos”. Assim, o termo giriático “high”, nessa pergunta, pode apresentar um tom de agressividade ao indiciar que Monse não estaria de posse de suas faculdades mentais, de modo a precisar ser contundentemente parada. Segundo Igreja e Young (2014, p. 116), o termo giriático “high” pode significar: “drogado”, “alto”. Compreendemos que outras traduções são possíveis também para “high”: “chapado”, “embrigado”.

Jamal menciona que Cesar não é mais o mesmo: “He **dumped** us.” (“Ele nos **abandonou**.”). O termo giriático “dump”, nesse dizer, parece evidenciar um tom de lamento, desabafo, pois não é esperado que um amigo abandone outros amigos. Conforme Igreja e Young (2014, p. 69), esse termo pode significar: “lugar feio ou repugnante”, “chiqueiro”, “pocilga”, bem como: “romper um relacionamento”, “dar o fora em alguém”. Já Scholes (2004, p. 34) afirma que pode significar: “excreção”, “evacuação”, “barro”, “cagada”, sendo “(...) o ato de descarregar um monte de lixo ou entulho. Na gíria, designa a expulsão do ‘lixo humano’ (fezes) pelo ânus”. Na circunstância em que emergiu o termo “dump”, compreendemos que pode ser traduzido também por “chutar”: Cesar os “chutou”, fez uma “cagada” com eles.

No terceiro episódio da primeira temporada, Monse está tentando se decidir com que roupa ela irá ao baile da escola, lembrando que sempre usa jeans e moletom. Sua amiga Olivia tenta ajudá-la a escolher a melhor roupa, mas não consegue. Olivia pede para Ruby dizer algo para Monse, porém ele não ajudou em nada. Então, Monse diz que não se importa, que usará os mesmos jeans de sempre e acrescenta: “If somebody doesn’t like it, they can **suck a butt**.” (“E se alguém não gostar, **azar o deles**.”). A expressão giriática “suck a butt”, nesse dizer, parece produzir um tom de revolta, já que, logo na sequência do episódio, Monse pega a roupa que usará e fala que sempre a usou. Conforme Igreja e Young (2014, p. 38), o termo giriático “butt” pode significar “nádega”, “bunda”, “rabo”, “traseiro”. Scholes (2004, p. 26) afirma que “*butt* é forma abreviada da palavra *buttock*, **nádega**. Quem não se lembra da série de desenhos animados **Beavis & Butthead**, da MTV (anos 1990), que tornou célebre a palavra *butthead*? Ao pé da letra, ela significa ‘cabeça de

bunda', indicando **qualquer pessoa idiota ou detestável**" (grifos do autor). Sobre o verbo "suck", um de seus significados é "chupar", logo a expressão gíriática "suck a butt" poderia ter sido traduzida por "chupar um rabo", "chupar uma bunda", o que indicaria ainda mais o extravasamento do tom de revolta de Monse com relação a quem não gostar de suas vestimentas.

No segundo episódio da segunda temporada, Monse, Cesar e Jamal caminham até o lugar em que se encontra uma bolsa com dinheiro. Monse pergunta a Cesar onde ele dormiu à noite, mas esse adolescente responde que isso não importa e que está lá agora. Monse diz: "Don't be a **dick**." ("Não seja **babaca**."). O termo gíriático "dick", nesse dizer, parece apontar um tom de revolta, pois acreditamos que ela esperava uma resposta mais digna/polida/elaborada, mais consideração por ela, pela preocupação dela. Conforme Igreja e Young (2014, p. 61), o termo gíriático "dick", além de poder significar "pinto", "pau", "caralho" e "pica", pode significar "idiota", "cretino" e "imbecil", sendo estes últimos significados mais próximos à tradução dada pela equipe tradutora da série, qual seja, "babaca". Segundo Scholes (2004, p. 31), "para xingar uma pessoa, geralmente um homem, de incompetente, imbecil, além da palavra *dick*, o termo *dickhead*, ao pé da letra, 'cabeça de pinto', é também bastante popular em inglês", o que dialoga, em termos de formação de palavra e de significado, com o termo gíriático "butthead", conforme abordamos anteriormente.

Segundo Cabello (2002, p. 178), "na gíria também figuram termos chulos ou vulgares, arrolados nos domínios lexicais tabus, por serem considerados obscenos, chocantes, traumáticos etc. São, na cultura ocidental, os associados à descrição anatômica, às funções de excreção e ao sexo", o que chamamos a atenção para os termos gíriáticos "butt" e "dick", evidenciando que a gíria pode estar vinculada ao uso de palavras e expressões consideradas rudes, grosseiras, violentas e agressivas.

No quarto episódio da primeira temporada, Monse e Jamal, em contexto de *Halloween*, saem para pegar doces juntos. Entretanto, Jamal direciona-se até a casa de uma mulher chamada Rose, a fim de investigar uma lenda sobre certo dinheiro enterrado. Quando ele chega à casa de Rose, já existe, em frente à casa, um pote com doces para serem pegos, mas, mesmo assim, Jamal bate à porta. A mulher atende e diz que o pote está

lá, e, quando ela está prestes a fechar a porta, Jamal fala de um programa antigo em que ela dançava. Então, Rose pergunta o que ele sabe sobre esse programa. Jamal diz que era o melhor programa de todos e acrescenta: “And the dance line was **the bomb**.” (“E a dança em linha era **demais**.”). Logo, ambos adentram a casa de Rose, que mostra a Jamal quadros de suas conquistas. Este diz: “That’s **dope**, Rose.” (“**Demais**, Rose.”). Tanto a expressão gíriática “the bomb” quanto o termo gíriático “dope”, nesses dizeres, parecem apresentar a expressividade de sentimentos elogiosos.

Conforme Igreja e Young (2014, p. 202), a expressão gíriática “the bomb” pode significar: “um sucesso”, “ótimo”, “fantástico”, “excelente”, podendo ser traduzida também por “maravilhoso” e “surpreendente”. Já o termo gíriático “dope”, apesar de não ter sido citado por Scholes (2004), é abordado por Igreja e Young (2014, p. 65) da seguinte forma: “tóxico”, “droga”; “idiota”, “burro” e “imbecil”, sendo, nestas últimas traduções, sinônimo de “dick”. Na circunstância em que emergiu a gíria “dope” nos dizeres de Jamal, podemos compreender que tende a significar, por exemplo: “legal” e “massa”, o que indicia o caráter de efemeridade e de renovação lexical das gírias, bem como de assunção do falante a um possível lugar de fala.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de “lugar de fala”, a partir das teorizações de Ribeiro (2017), permite-nos dizer de um lugar social ocupado por certos grupos, restringindo-lhes oportunidades, o que nos leva a associar tal conceito ao grupo de amigos protagonistas da série *On my block*. Parece-nos que um “mesmo” lugar social imputou a restrição de certas oportunidades aos amigos, logo a criação/formação de um grupo minoritarizado, vulnerável, de modo que, ao longo da série, notamos que não se trata de pessoas abastadas, com casas em um bairro tido como “nobre”. Na verdade, o grupo de amigos mora em um local periférico, cercado por duas gangues rivais, o que faz do bairro um lugar perigoso para viver e faz com que esse grupo de amigos precise travar várias lutas (para sobrevivência e melhores condições de vida) em seu cotidiano.

Nessa perspectiva, os protagonistas adolescentes compõem um grupo

desprivilegiado/marginalizado na sociedade em que vivem, grupo esse constituído por uma menina negra (Monse), um menino negro (Jamal) e dois meninos latinos (Ruby e Cesar). Ribeiro (2017) afirma que o local que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas, e o local ocupado por esses protagonistas os conduz a experiências semelhantes. Quando Monse decide morar com sua mãe em um bairro rico e conhece novas adolescentes lá, as quais têm vidas e experiências muito diferentes das de Monse, por esta ser uma garota negra e periférica, essas meninas, devido ao lugar social que ocupam, surpreendem-se com o que a protagonista já havia enfrentado. Assim, procuramos sustentar a perspectiva de que as gírias produzidas tanto por ela quanto por seus amigos apontam certos sentidos possíveis e específicos na relação com quem diz o que diz em circunstâncias determinadas, associando aspectos sociais aos linguísticos.

Segundo Pérez e Cañizares (2021, p. 140), há interesse, por parte dos criadores da série *On my block*, em mostrar o ambiente real predominante no bairro em que González, um dos criadores da série, cresceu. Nas palavras desse criador, na série, “há comédia. Há tragédia. Mas, acima de tudo, há o sentido de comunidade. Existe essa vitalidade”. Além disso, conforme Pérez e Cañizares (2021, p. 151), há “aspectos negativos e positivos de crescer em um bairro considerado perigoso, dando lugar a uma tonalidade que permuta constantemente entre o drama e a comédia”. Entendemos, a partir desses dizeres, que é preciso desnaturalizar/desconstruir a ideia de que o bairro perigoso limita-se a aspectos negativos, já que traz à tona o senso de comunidade e os temas de amor e amizade, por exemplo, imbricados aos conflitos vividos, os quais podem ser evidenciados por meio das gírias.

Neste texto, partimos do pressuposto de que toda e qualquer língua “viva” sofre alterações em seu vocabulário ao longo do tempo, de modo que “a língua inglesa está constantemente mudando, e a gíria está crescentemente tornando-se uma parte bem significativa do nosso terreno de mudança linguística. *A maioria das novas palavras, de fato, vem de gíria*” (grifos e tradução nossos) (Namvar, 2014, p. 128)⁴. Assim, pudemos

⁴ “The English language is constantly changing and slang is increasingly becoming a greater part of our shifting linguistic terrain. *Most new words, in fact, come from slang*” (grifos nossos) (Namvar, 2014, p. 128).

compreender que “a gíria é usada para estabelecer ou reforçar identidade social e coesão, especialmente dentro de um grupo ou com uma tendência ou moda na sociedade em geral”⁵ (tradução nossa) (Namvar, 2014, p. 128). A adolescência é um momento em que, a nosso ver, o senso de grupo é marcante, no sentido de pertencimento, união, podendo se manifestar nas criações/produções de gírias, o que parece ser reforçado na série *On my block* ao lidar com comunidade periférica e com adolescentes. Nela o frequente uso de gírias pelos protagonistas adolescentes contribui para a verossimilhança e a identificação do público-alvo. Pudemos analisar que as gírias ditas por eles são uma possível forma de luta contra a cultura (pre)dominante, (de)marcando um lugar de fala, de poder (r)existir como subjetividades (outras) e de falar, entre os seus, do que os incomoda como sujeitos adolescentes. Em última instância, tais gírias se configuram, a nosso ver, como um lugar de legitimação da “voz” desses adolescentes, indiciando a produção linguística de saberes e existências potentes e contra-hegemônicos, e, por isso, um modo de resistência simbólica.

Este artigo é produto de trabalho de pesquisa na modalidade PIBIC-EM (IFG, Campus Jataí), entre 2023 e 2024, com bolsa de iniciação científica pelo CNPq, cujo apoio agradecemos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Giovana. As 6 melhores plataformas de streaming no Brasil. In: **Oficina da Net**, 2020. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/entretenimento/32998-as-cinco-melhores-plataformas-de-streaming-no-brasil>> Acesso em: 05 de jun. 2024.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. Linguagens especiais: realidade linguística operante. **UNILETRAS**, v. 24, n. 01, p. 167-182, 2002.

DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução relevante? Tradução Olivia Niemeyer Santos. In: RODRIGUES, C. C.; SISCAR, M. (org.). **Tradução, desconstrução e pós-modernidade**. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v.44, n. esp., p.13-44, 2000.

IGREJA, José Roberto A.; YOUNG, Roberto C. **Inglês de Rua**: as gírias e os termos

⁵ “Slang is used to establish or reinforce social identity and cohesiveness, especially within a group or with a trend or fashion in society at large” (Namvar, 2014, p. 128).

coloquiais usados pelos americanos. Barueri, SP: DISAL, 2014.

NAMVAR, Firooz. The use of slang amongst undergraduate students of a Malaysian public University. In: **Journal of Advances in Linguistics**, v. 3, n. 1, 2014.

NETFLIX. **Media Center**. São Paulo. Disponível em: <https://media.netflix.com/pt_br/>
Acesso em: 01 jun. 2024.

PEREZ, Azucena Pereira. CAÑIZARES, Elpidio del Campo. Binge-Watching. Análisis de un caso de éxito: On my block. In: **SERIARTE**. v. 1, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução: a questão da equivalência. In: RODRIGUES, C. C.; SISCAR, M. (org.). **Tradução, desconstrução e pós-modernidade**. Alfa: Revista de Lingüística, São Paulo, v.44, n. esp., p.89-98, 2000.

SCHOLES, Jack. **Slang: gírias atuais do inglês**. São Paulo: Disal, 2004.